

Mais uma vez estamos juntos, podendo pensar de modo amplo a Psiquiatria da Infância em toda a sua amplitude.

É bastante prazeroso perceber que inúmeros artigos e propostas de trabalho nos tem sido encaminhados mostrando que, mesmo nas condições precárias em que é obrigado a trabalhar, o psiquiatra da infância e da adolescência tem toda a possibilidade de crescer e organizar uma especialidade de importância em um país carente de recursos como o nosso.

Entretanto parece-nos que o caminho se abre com possibilidades diversas que devem ser pensadas antes que as atitudes necessárias sejam tomadas.

Por um lado nos defrontamos com o modelo que nos é familiar, proveniente da dominação cultural a que já nos habituamos e que nos leva ao processo imitativo em relação ao primeiro mundo, procurando copiar suas experiências bem como a reproduzir seus resultados, nem sempre factíveis ou ideais em nosso meio.

Por outro lado temos as dificuldades decorrentes de um país de terceiro mundo, sem recursos, que não privilegia a saúde, muito menos a pesquisa voltada para ela.

A tendência dos profissionais é buscar o caminho seguro e com reconhecimento garantido dentro de seu próprio ambiente, ainda que, com prejuízo da população como um todo, que não pode beneficiar-se, na maioria das vezes, com os progressos provenientes dos centros mais desenvolvidos.

Cabe-nos aqui portanto um questionamento antigo. Fazer ciência pode ser desvinculado de toda uma realidade social? Em um país carente, as prioridades são a reprodução de resultados, já obtidos em outros países ou deveriam ser as alternativas de trabalho adequadas a uma população carente?

Deve a Universidade permanecer afastada da comunidade, garantindo uma cultura acadêmica e elitizada ou deve voltar-se para problemas concretos, buscando soluções viáveis?

Essas questões não podem ser respondidas isoladamente.

Envolvem concepções de mundo e compromissos ideológicos que permeiam a própria atividade científica e profissional.

Dentro dessa linha de pensamento, sem a pretensão de verdades absolutas ou de raciocínios fechados é que procuramos construir esta publicação.

Ainda que não possa neste momento, ser uma publicação "de ponta" dentro do mundo acadêmico, ela representa aquilo que a Psiquiatria infantil brasileira é, sem máscaras e sem disfarces.

Esse reconhecimento parece-me fundamental na identificação das características e das necessidades que as permeiam e que portanto devem ser supridas durante seu desenvolvimento.

Temos prazer portanto de entregar mais uma vez aos leitores de todo o país, aquilo que consideramos um retrato fiel do nosso pensamento, com todas as falhas e as possibilidades que ele apresenta.

Desejo a todos uma boa leitura e uma reflexão séria sobre todo o processo.

Francisco B. Assumpção Jr.